

A IDENTIDADE DE UMA MULHER CHAMADA JESUS

THE IDENTITY OF A WOMAN NAMED JESUS

Miriam Monaco Mota (UnB) ¹

RESUMO: Este texto apresenta uma análise de *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, da escritora Carolina Maria de Jesus. O fio norteador da análise é a questão identitária da escritora / narradora / protagonista da referida obra. A base teórica foi fundamentada essencialmente nas ideias e conceitos do sociólogo Stuart Hall.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Diário; Quarto de despejo; Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT: The present paper aims at analyzing Carolina Maria de Jesus' *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. The guiding thread is the identity quest of the book's author / narrator / leading persona. The theoretical basis is grounded within Stuart Hall's ideas and concepts.

KEYWORDS: Identity; Diary; Quarto de despejo; Carolina Maria de Jesus.

Engana-se, professora: não se pode falar em simplicidade tratando-se de ser humano. Todo o ser humano é muito complexo.

(Paulo Freire)

Entre crianças barulhentas, mulheres briguentas, homens bêbados, encontramos uma mulher que busca um (o seu) lugar ao sol. Quem é ela? Onde se situa? Quem almeja ser? Aonde quer chegar? Algumas respostas a tais questões encontramos em seu diário, *Quarto de despejo* (2001), no qual Carolina Maria de Jesus, autora/narradora/personagem, apresenta, a partir de 15 de julho de 1955, *flashes* de sua vida pessoal entre comentários reveladores de sua cosmovisão. No dia 19 de julho desse mesmo ano, a autora do diário assinala “*Meu registro geral é 845.936.” ².

Percebemos, nessa fala, a afirmação de uma identidade, a consciência de um pertencimento. Esse número documenta a identidade civil, política, da narradora; no entanto, não identifica sua posição social. Ao se procurar o ser humano que vive sob esse registro, constatamos tratar-se de uma mulher negra, pobre, semialfabetizada. Essas circunstâncias levam-nos a cogitar que cidadania está reservada a essa mulher e a outras com tais características.

O que primeiro chama a atenção é o contraste entre a afirmativa da narradora “meu registro”, em que o “meu” sinaliza a posse – eu sou – e o contexto dessa mulher pobre, negra e semialfabetizada. Vem-nos a pergunta: é o quê? Que presente e que

¹ Artigo elaborado sob orientação da professora Doutora Regina Dalcastagnè para a conclusão da disciplina de Representação Literária, realizada no primeiro semestre de 2011, no curso de mestrado da Universidade de Brasília. E-mail para contato com a autora: <professoramirian@yahoo.com.br>

² Todas as citações do presente texto serão retiradas da seguinte edição: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ed. 8. São Paulo- SP: Ática, 2001. Devido ao fato de ser uma edição bem atual, distinta da primeira edição da obra, para facilitar o contexto de cada uma das citações optamos por não identificar o número da(s) página(s) e, sim, a data citada na obra. A característica de ser um texto sob a forma de diário facultou essa decisão técnica.

futuro estão reservados à portadora do registro 845.936? Qual sua identidade enquanto ser humano, do sexo feminino, afrodescendente, favelada e pobre?

Sabemos que a identidade não se constrói isoladamente, mas em interação com outras pessoas em circunstâncias históricas concretas. Em uma sociedade multifacetada, como a nossa, compartilhamos, em determinados espaços urbanos, distintas etnias e diferentes tipos. Pertencer a um determinado grupo já não é marca identitária. Pertencer, em tais circunstâncias, não é ser.

Stuart Hall, em “Quem precisa de identidade?” (2000), destaca que o sujeito pós-moderno está performativo, pois as concepções étnicas, raciais e culturais já não estão essencialmente delimitadas. O sujeito contemporâneo sofre rupturas em seu comportamento social, muitas vezes demonstrando um caráter fluido, polissêmico e móvel. Na obra *Quarto de despejo*, percebemos que a signatária encontra-se desmembrada em vários papéis sociais; sua conduta é essencialmente performática.

Hall ressalta, ainda, que está acontecendo uma desconstrução de visões tradicionais sobre a identidade, as quais põem em crise a noção de uma identidade integral, originária e unificada. O conceito tradicional não serve mais, porque ignora a questão da agência – o sujeito que faz, o elemento ativo da ação individual – e da política de localização do sujeito com as dificuldades e instabilidades. Carolina, escritora de um diário, coloca-se como agente da própria história, superando as dificuldades nas quais esbarra; o seu futuro depende da escritura.

Outro aspecto referente à constituição da identidade, percebido por Hall, consiste na aproximação complexa entre identidade e identificação. A identificação diz respeito ao sujeito, identificando-se com um determinado grupo, com determinadas pessoas ou, ainda, a partir de um ideal comum. Não é algo estático, imóvel e imutável; nem sempre está completamente terminada, pois se pode “ganhá-la” ou “perdê-la”, por ser algo em processo e por estar ligada à contingência. Carolina não tem identificação com o *locus* em que vive, seu contexto vivencial, por isso não se importa em perdê-lo. A identificação está fundada na fantasia, na projeção e na idealização (Hall 2000:103-5). Em sua fantasia, Carolina sonha em ascender socialmente, idealiza sair da favela e projeta viver na cidade.

As identidades utilizam-se dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção do que nos tornamos; “têm a ver como somos representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios.” (Hall 2000:109). As identidades vêm da narrativização do eu. Mesmo que essas narrativizações sejam ficcionais, não perdem seu efeito discursivo, material ou político. Até porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso. Daí a importância de *Quarto de despejo* ser um diário, pois esse tipo textual traz em sua essência o discurso histórico e cultural da protagonista.

A diferença marca a identidade; é por meio da interação com o outro, da percepção do que não se é, que a identidade vai ser construída. Há na constituição da identidade um jogo de opostos – homem/mulher, branco/negro. Mulher e negro são marcas em contraste com os termos não-marcados – homem e branco. Já vimos que Carolina é um “elemento marcado”, é o diferente.

Hall indaga se, ao construir “uma” identidade, os sujeitos demarcam “posições”, se são convocados a identificar-se ou não com essas posições; se esses sujeitos moldam-se a, se estilizam, se produzem e se “exercem” essas posições. Se o fazem, por que não o fazem completamente, por que não o fazem permanentemente. É o caso de Carolina.

Stuart Hall (2000: 129) argumenta que as “identidades funcionam por meio da exclusão e por meio de um exterior constitutivo.”

Considerando as ideias que perpassam *Quarto de despejo*, condensando o propósito explícito da obra, depreendemos três fatores que vão mostrar a caracterização da narradora/protagonista com referência a sua identidade no grupo social em que transita e do qual aspira sair.

Quanto à ascensão social, percebemos que a narradora situa-se num plano inferior ao almejado. Carolina Maria de Jesus tem consciência do lugar que ocupa na vida da favela e posiciona-se com desgosto, com mágoa. Por seu depoimento de 16 de julho de 1955, reforça-se o sentimento de tristeza, desprazer, uma vez que passa a vida fora de casa, lugar que é refúgio de sua identidade: “Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta.”

Carolina quer mudar, ambiciona viver na cidade: “Favela, sucursal do Inferno, ou o próprio Inferno” (7/maio/1959). A cidade representa o diferente, o oposto do real vivido pela protagonista. Mas, na impossibilidade imediata de alcançar o desejado, resigna-se: “Devo incluir-me, porque eu também³ sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (20/maio/1958).

Não são poucas as falas que evidenciam a pobreza vivida no “quarto de despejo” em contraste com a vida de riqueza da “sala de visitas” por ela desejada.

Às oito e meia eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (19/maio/1958).

O caminho a percorrer é pavimentado por antíteses e sinestésias. O barro podre contrasta com “os tapetes de viludo”, tal qual com o odor dos excrementos às almofadas de “sitim”.

Sente-se em Carolina uma pujante vontade de mudança: “Meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável” (20/julho/1955). Ela quer igualar-se aos da cidade, tem um desejo de transformação; há necessidade mesmo de ser outra pessoa: “Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amavel as crianças e aos operários” (2/maio/1958).

A fala de Carolina é, ao mesmo tempo, denúncia social e escapismo. A literatura por ela produzida apresenta-se de forma questionadora e crítica. Ela tipifica o sujeito pós-moderno, performativo:

³ Ao leitor de Língua Portuguesa, parecerá estranha a grafia de “também” sem acento. O mesmo estranhamento acontecerá ao longo deste texto, até que o receptor se aperceba de que, por estar entre aspas, mantém-se a grafia exatamente como se encontra no original lido. Essa escolha tem inequívoco comprometimento ideológico: respeitamos a grafia da protagonista, que se fez entender nas suas inquietações, apesar do superficial desrespeito à norma culta.

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores e todas as flores de todas as qualidades (...). É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (12/julho/1958).

Enquanto denuncia, Carolina sente desprazer por estar onde se encontra. O repúdio da narradora à situação é profundo. Ela desvela as condições miseráveis de vida na favela; torna-se a voz⁴ das pessoas da favela:

Deixei o leito as 4 horas, liguei o radio e fui carregar agua Que suplicio entrar na agua de manhã (6/janeiro/1959).

- Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade (9/agosto/1958).

- Duro é o pão que comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida dos favelados (22/maio/1958).

Ela acreditava que com essa publicação poderia ascender socialmente, sair da favela e encontrar uma vida melhor para ela e para os filhos.

Ser mãe é uma característica marcante em Carolina: “O filho é raiz do coração” (1/junho/1958). Ela se preocupa não só com o essencial para suprir as necessidades dos filhos, mas também com a construção de seres humanos completos e felizes. “Os meus filhos não são sustentados com pão da igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los” (18/julho/1955). “Eu estou contente com os meus filhos alfabetizados. Compreendem tudo” (27/novembro/1958).

Carolina apresenta ao leitor seus filhos: (o sustentáculo de sua identidade) João José e José Carlos e sua filha Vera Eunice. A importância da filha caçula é tão grande que o relato do *Quarto de despejo* inicia-se com a descrição do aniversário de Vera Eunice: “Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par no lixo, lavei e remendei para ela calçar” (15/julho/1955). “A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça” (16/julho/1955).

Em se tratando dos filhos, há poucas ocasiões nas quais a mãe demonstra afetividade. Essa justificação pode ser uma das implicações das carências sofridas por Carolina Maria de Jesus: “Levei os meninos. O dia está calido. E eu gosto que eles receba os raios solares” (19/julho/1955). “Fiz café e mandei os filhos lavar-se para ir para a escola” (21/agosto/1958).

Com referência a encontrar uma vida melhor, está posta a insatisfação dela com a vida que leva. Os filhos devem estar limpos: “desinfetei o José Carlos”

⁴ Pela leitura de Walter Benjamin (1992), constata-se que uma das funções sociais da literatura é atribuir voz àqueles que, no transcurso da história, foram desprovidos desse direito humano.

(28/agosto/1958); e não podem ser contaminados pelo lixo a sua volta. O contexto social (realidade) em que vive, as dificuldades que enfrenta – a fome permanente e devastadora, o barraco precário, o dinheiro insuficiente, o trabalho irregular – tudo isso a faz desejar sobremaneira a saída da favela.

As significações podem variar, porque os incidentes registrados também se modificam. Mas essas variações convergem todas para uma estrutura narrativa, cujo ponto de sustentação principal é a presença da fome e da pobreza nas formas mais concretas de suas manifestações.

Matar a fome é primordial: “Ganhei dois quilos de feijão e dois quilos de macarrão. O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei minha calma interior para eu ler” (16/julho/1955). “Os meninos [referindo-se aos filhos] estão nervosos por não ter o que comer” (3/maio/1955). “A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago” (27/maio/1958).

No entanto, a fome retratada por Carolina não se restringe apenas à fome física de seus filhos ou à própria fome. Brasileira, ela se preocupa com a fome de saber, a fome de um povo: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora” (9/maio/1958).

Para a narradora/personagem a leitura e a escrita significam a diferença. São de extrema importância, porque indiciam uma percepção da função social da literatura: “Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros” (19/maio/1958). “Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isso é mentira! Mas, as misérias são reais” (29/maio/1958).

Com isso, caracteriza-se uma constante na obra: a identidade representada decorre do confronto entre o eu (narrador) e o outro (narrado), outro esse relacionado ao mundo da favela e o da cidade, as pessoas cultas perante as incultas e as felizes frente às infelizes. Como ela está situada no lado marcado, desfavorecido socialmente e tem consciência da sua localização marginal, deseja pela posse e força da palavra mudar sua conjuntura social e, portanto, sua contingência identitária. Transforma-se de leitora em escritora.

Com os filhos alfabetizados, com o livro publicado, ela sonha deixar de transitar entre o lixo despejado e passar a ter sua *performance* no cenário da cidade. (D)escrever *Quarto de despejo* é a forma que encontra para romper a miséria do mundo em que vivia. “É que eu estou escrevendo um livro para vendê-lo” (27/julho/1958).

Há uma grande ânsia quanto à publicação de sua obra. No entanto, a caminhada para atingi-la não é fácil. Nada na vida dela é fácil. As rejeições se fazem sentir:

Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O The Reader Digest devolve os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra (16/janeiro/1959).

Constatamos que, em 16 de janeiro de 1959, a narradora posiciona-se identitariamente como escritora. Há uma identificação de Carolina com o seletivo grupo de pessoas que sobrevivem da arte da literatura. Ela julga que pode ganhar a identidade

de escritora e sair do seu contexto social por intermédio do uso da palavra artística que decorre do exercício da leitura: “Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler” (23/julho/1955). “Aproveitei a minha calma interior para eu ler” (16/julho/1955).

Encontramos na obra várias passagens que denotam a valorização do processo da escrita: “Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever” (20/julho/1955). “O que aborrece-me é elas [disse Carolina referindo-se às vizinhas] vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior. Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo” (18/julho/1955). “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia” (Trecho da entrevista ao final do livro). “Escrevi até as 2 horas” (5/maio/1959).

Esta mulher, chamada Jesus, despejava, de próprio punho, no papel, frações de um dia-a-dia marginal, ela tinha consciência de que “as pessoas instruídas vivem com mais facilidade” [entrevista da Autora no final do livro] e se não fosse pela leitura “eu teria me transviado, porque passei 23 anos mesclada com os marginais” (5/maio/1959).

É pela leitura em paralelo dos dados biográficos com os dados ficcionais que ficamos sabendo que a Jesus, Bitita, seu apelido na infância, começa lá no interior do estado de Minas Gerais, especificamente no dia 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, onde viveu sua infância e adolescência. Neta de escravos, sobre o pai apenas se refere como um tocadour de violão, mas que não gostava de trabalhar. A mãe, uma lavadeira, criou a família e ganhou sua admiração. Essa passagem de sua vida é retratada na obra da seguinte maneira:

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para minha mãe:

- Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

- Se você passar por debaixo do arco-iris você vira homem.

Quando o arco-iris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-iris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo (7/junho/1958).

Carolina revela um aguçado senso político, paradoxal com a crença de que o homem é defensor da pátria. Há uma aura revestindo a figura masculina o que a faz desejar transformar-se em homem. No entanto, o espelho de homem, o pai tido por ela em casa, só a fez admirar a mulher – sua mãe:

Eu nada tenho a dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. É por isso que eu tenho dó dos favelados (1/junho/1958).

Na construção de sua identidade, Carolina assume a posição de mulher defensora dos desvalidos (dos favelados), assim como os homens eram os defensores da

nação. Ela utiliza-se da única arma a seu alcance: a literatura. Por ter consciência de que a escrita literária era um universo predominantemente masculino e para se firmar no contexto pretendido por ela, a mulher chamada Jesus mostra com palavras o mundo a seu redor. Ela representa a voz dos excluídos⁵, marginalizados por questões sociais e étnicas.

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos.

Eles repondia-me:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça e ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincanações, eu quero voltar sempre preta (16/junho/1958).

Por essas palavras, percebemos que ela assume a sua etnia, mesmo que aos olhos dos “não marcados” seja lamentável a cor da sua pele: “É pena você ser preta” (16/junho/1958).

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (16/junho/1958).

A obra desta mulher Jesus, pouco divulgada e estudada, traduz o olhar da população negra e pobre sobre a realidade. Sem o linguajar intelectual e “correto” de escritores que apenas visitam a miséria, sem conhecê-la perfeitamente.

Esta Maria de Jesus revela, por meio de suas palavras, um confronto entre a religião dos brancos e a dos afrodescendentes. Observamos o sincretismo religioso presente nas muitas comunidades existentes por este Brasil, a começar pelos nomes próprios. Há um predomínio da religião cristã, isso se constata em: “Será que Deus sabe que existe as favelas que os favelados passam fome?” (30/maio/1959). “Só Deus para ter dó de nós” (31/maio/1958). “Deus é sombrio. É o advogado dos humildes. Os pobres são criaturas de Deus” (8/junho/1958).

A religiosidade do diário e das peças de teatro também está presente em uns versos que a autora transforma em canção. A religião de seus antepassados está no poema que fez em 8 de setembro de 1958:

Te mandaram uma macumba
E eu já sei quem mandou
Foi a Mariazinha
Aquela que você amou
Ela disse que te amava

⁵ Percebe-se, nesta passagem, um cruzamento de vozes – conforme expressão cunhada por Mikhail Bakhtin (vários escritos, inclusive a obra citada como 2003) – quando ela, sem o saber, retratava o clima carnalizado do ambiente em que vivia, por intermédio da redação de peças teatrais para serem encenadas no curso.

Você não acreditou.

Ao compor seus versos, a Maria de Carolina se faz notar: Maria que representa o Cristianismo, mas que é capaz de fazer um despacho por amor. Carolina Maria de Jesus, cidadã da favela à beira do Tietê, no bairro do Canindé, em São Paulo capital, já não existe; entretanto, a narradora Carolina se eterniza ao longo da obra como um ser humano de complexa identidade.

Maria de Jesus, em 1º de janeiro de 1960, termina seu diário. Ainda com fome: “A pior coisa do mundo é a fome!” (26/agosto/1959). Carregando água, cuidando dos filhos, escrevendo – “Eu fiquei escrevendo” (31/dezembro/1959) –, rezando pelos outros: “Pedi a Deus para ele [Carolina referia-se a Manoel de Faria] ganhar a corrida. Pedi para abençoar o Brasil” (31/dezembro/1959).

Em 1960, o livro foi publicado. Acima de qualquer fama que tenha conseguido, acima de qualquer ganho econômico, Carolina teve a certeza de que a palavra escrita possui a força transformadora e a força da verdade; ela escreveu de dentro da favela, ela sentiu fome. Ela revelou a sua identidade.

A associação identitária entre a autora (cidadã Carolina Maria de Jesus), a narradora (voz feminina que conta a história) e a personagem que recebe bilhetinhos – “A senhora é casada? Se não quer dormir comigo?” (30/agosto/1958) – mostra a complexidade do ser humano em processo de formação. Isso ocorre pelo gênero literário assumido: diário. No diário *Quarto de despejo* funde-se a realidade e a ficção, a desdita e a fortuna, a literatura e o compromisso social. Só em se apresentar como Carolina autora, Carolina narradora e Carolina personagem, Maria de Jesus assume identidades que representam as várias faces de uma pessoa. Identidade multifacetada que pode ser percebida ao longo de seu diário: (eu) mulher favelada, catadora de papel, ligada ao mundo exterior de miséria, de luta, de amargura e ao seu mundo interior: triste e alegre, ao mesmo tempo; (eu) escritora impregnada de sensibilidade diante da vida. A escrita e a leitura são o elo que harmoniza os “eus”, a maneira de fugir da fome, o lado lúdico de encarar a vida.

Carolina, autora velada, desvela sua identidade ao se narrar, ao se permitir voz pela literatura; consegue ultrapassar a linha divisória entre a cidade e a favela, vencer as fomes física e de saber, direcionar a vida dos filhos e consegue, principalmente, tornar-se uma escritora. O leitor, após percorrer o relato, confirma o traço humanitário da sua identidade: “Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria” (13/junho/1958). “Deus é o rei dos sábios” (14/junho/1958).

Os quartos de despejo com suas mazelas, suas mulheres briguintas, seus homens bêbados (drogados) multiplicam-se não só em São Paulo, mas em todo território nacional, o que torna o diário de Carolina atual. A voz dos seus anônimos, famintos e sofridos habitantes continua viva e pulsante nas palavras da mulher negra, favelada que se faz, escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Tradução Maria Luz Moita. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: _____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ed. 8. São Paulo- SP: Ática, 2001.

Artigo recebido em 12 de setembro de 2011 e aprovado em 9 de outubro de 2011.